Por um pacto do cinema brasileiro com seu público

Por Hermes Leal

A Revista de CINEMA nasceu junto com o CBC. Foi no 3º. CBC que circulamos as duas primeiras edições. E desde então nunca deixamos de acompanhar os passos dessa importante entidade, que independente do sobe e desce da política audiovisual, foi quem fundamentou toda a política audiovisual pós-desmantelo da atividade no governo Collor, que fez com que a chamada retomada chegou aos cinemas sem um mercado regulado.

Em 2000, finalmente a retomada demonstrou que tinha um mercado e com isso, a volta do CBC, que tinha funcionado nos anos 50, noutra realidade, ganhou peso e importância. Era tudo que o momento pedia. Novas perspectivas haviam chegado e o mercado continuava caótico desde que o presidente Collor de Melo enterrou a Embrafilme e, por tabela, todo o cinema nacional. O CBC nasceu tão forte que gerou imediatamente o Gedic, um grupo de estudo para a implantação da Ancine, o braço público que regulamenta o setor de audiovisual no Brasil.

Agora, dez anos depois, os desafios ainda são quase os mesmos, mas novos caminhos vão se abrindo, a produção independente crescendo – especialmente porque recebe forte impulso governamental, sem falar das imensas perspectivas com a ampliação do mundo digital. O cinema, entretanto, terá como seu permanente desafio criar um mercado com suas próprias pernas, interagindo com o público, dependendo dele para bancar parte da produção de um filme. Quando isso acontecer, o CBC terá cumprido o seu sentido principal e fechado a sua missão. Quando ajudar a se realizar um pacto do cinema brasileiro com seu público.

Nesta edição especial da Revista de CINEMA, para comemorar o aniversário dessa "retomada", fomos resgatar um pouco da história do CBC, o que aconteceu nos anos 50 e, especialmente, como foram as preparações para acontecer o 3º. CBC em Porto Alegre, em 2000, e o que resultou daqueles três dias de encontro. Está tudo registrado nesta edição da Revista de CINEMA, na voz de cada um dos personagens que construíram essa história toda.

Boa leitura.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CINEMA

DIRETORIA ATUAL

Diretoria Executiva
Rosemberg Cariry – Presidente
Luiz Guilherme de Souza Lima Pádua – Vice Presidente
Edina Fujii – Diretora Financeira
Magdalena Rodrigues – Diretora Administrativa
Cícero Aragon – Diretor Executivo
Márcio Moraes – Diretor Institucional
João Batista Pimentel Neto – Diretor de Articulação e Comunicações
Antônio Leal – Diretor de Captação e Projetos

Conselho Fiscal
Ana Paul
Geraldo Veloso
Francisco Ferreira Pinto Filho

Conselho Consultivo
Roger Madruga
Pedro Pablo Lazzarini
Solange Lima
Luiz Alberto Cassol
Luiz Alberto Rodrigues
Nilson Vilas Boas
Tizuka Yamasaki
Ursula Dart
Assunpção Hernandes
Geraldo Moraes
Jorge Luiz Saes Moreno
Carlos Augusto Dauzacker Brandão

Colaboração
Danielle Bertolini

EDITORA ÚNICA

instituto Cinema em Transe

Diretores
Hermes Leal e Julie Tseng

Editor
Hermes Leal
hermes@revistadecinema.com.br

Diretora administrativa
Julie Tseng
julie@revistadecinema.com.br

Produção
Julie Tseng
julie@revistadecinema.com.br

Redação
Gabriel Carneiro

Colaboração
Celso Sabadin e Daniel Schenker

Diagramação e Direção de Arte
Ana Luiza Pigatto

Imagem de Capa
XXXXXXXXX

Revisão
Priscilla Vicenzo

Consultoria Jurídica
Cesnik, Quintino & Salinas Advogados
Tel.: (11) 3661-0003

Atendimento ao leitor
(11) 3726-6810
revistadecinema@revistadecinema.com.br

Impressão
Duograf

A Revista de CINEMA é uma publicação da Editora Única. Redação e administração: Rua José Piragibe, 293 I Vila Indiana I São Paulo SP I CEP 05585-040
Telefax: (11) 3726-6810

Revista de CINEMA ON-LINE:
Redação: Gabriel Carneiro
site@revistadecinema.com.br
http://www.revistadecinema.com.br

FUNDO NACIONAL DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Audiovisual e diversidade cultural

Por Rosemberg Cariry
Presidente do CBC – Congresso Brasileiro de Cinema

O mundo se agita, e o Brasil é um país importante neste mundo em convulsão. Já não somos apenas consumidores passivos de bens tangíveis ou intangíveis, impostos pelos mercados hegemônicos. Percebemos que, hoje, a grande guerra que se trava não é com mísseis e canhões, mas é por meio de cabos e satélites. Resistir é preciso. Afinal, também temos o nosso capital simbólico: a diversidade cultural do povo brasileiro.

A cultura brasileira, a partir dos povos originais e transplantados, é herdeira das principais culturas do mundo (europeias, ibéricas, mediterrâneas, orientais, africanas, ameríndias e orientais...) e, por isso, traz em si um projeto de universalidade. O Brasil tem encontro marcado com as culturas dos povos do planeta. No Brasil, ensaia-se um novo processo civilizatório capaz de renovar o mundo pela convivência do múltiplo e pela afirmação das convergências. O filme brasileiro capaz de "aparecer" no mundo, ou mesmo de conseguir um pequeno nicho de mercado setorizado, é o filme que tenha características culturais originais sem deter-se em um regionalismo fechado ou no folclorismo. Daí a necessidade de lapidarmos os diamantes dos arquétipos, trabalharmos com as heranças milenares herdadas dos povos transplantados, doadas pelos povos autóctones e reinventadas pelos povos mestiços. Podemos ser agentes de um novo processo civilizatório, com profundo respeito e integração dos povos originais. Podemos nos integrar à modernidade, sem negar nossas tradições e sem desprezar as conquistas tecnológicas e as experiências de vanguarda da contemporaneidade. A nossa melhor arte será aquela que melhor traduzir a nossa diversidade e complexidade cultural e recriar a nossa herança de humanidade.

"A nossa melhor arte será aquela que melhor traduzir a nossa diversidade e complexidade cultural e recriar a nossa herança de humanidade"

Não podemos dar um salto no futuro sem os pés firmes no nosso próprio chão. Não existe futuro sem a certeza do presente e o reconhecimento do passado. Não falo aqui de passado idealizado ou dos clichês nacionalistas que anulam a diversidade cultural e elegem-se como emblemas hegemônicos e autoritários. Superamos a modernidade e, na convivência de todas as culturas e de todos os tempos históricos, revelamos os tesouros dos "sambaquis imaginários" da humanidade. Somos a pós-modernidade que se abre como um moitará de bens simbólicos. Não somos uma "aldeia global", mas uma "aldeia de encontros", uma comunidade de destino, aberta à diversidade e à reciprocidade com todas as outras aldeias e comunidades do planeta. É este o audiovisual que precisamos conquistar e, com ele, ocuparmos um espaço decisivo nas telas de cinema e das TVs (abertas, por cabo ou digitais) do nosso país, sem, no entanto, fecharmo-nos para as manifestações mais legítimas e mais profundas de outros povos e de outras nações. Precisamos pensar o nosso país como espaços de encontros e as nossas culturas como sentimentos em trânsito, vencendo fronteiras e preconceitos. São muitos países dentro de um país. São muitas nações dentro de uma nação. São muitas as culturas e as contradições que constroem uma "cultura" que afirmamos nacional. Brasil quer dizer "plural", e brasileiro, "em construção".

Nestes últimos dois anos, apoiamos as reformas da Lei Rouanet, conforme o projeto original debatido pelo povo em consultas públicas em todas as regiões do país. Ajudamos na articulação para a criação do Fundo de Inovação Tecnológica e Audiovisual da SAv, voltado para o cinema experimental e autoral, a difusão, a preservação e a pesquisa. Apoiamos, ainda, com a Secretaria de Políticas Culturais, a nova Lei do Direito Autoral, que traz conquistas importantes para a cultura do povo brasileiro, sobretudo o reconhecimento do Direito do Público. Apoiamos a ampliação, já em processo de implementação pela Ancine, do parque nacional de exibição com a rede de cinemas populares, por meio do programa Mais Cultura. A Ancine e a SAv muito já fizeram, mas continuam com a missão de diminuir ainda mais as desigualdades regionais e colaborar com planos de desenvolvimentos da produção audiovisual nas diversas regiões do país, por meio de novos arranjos produtivos, objetivando um diálogo que consideremos positivo.

Neste processo diversificado e rico, em seus acertos e suas contradições, reconhecemos o que os outros fizeram e, por isso mesmo, deveríamos também citar o que nós mesmos fizemos e penitenciar os leitores com um longo rosário de realizações do CBC nesta atual gestão. Não faremos isto. Aqui, basta-nos dizer que estendemos a presença do CBC em todo o território nacional e conseguimos inserir a entidade em um amplo painel de discussões no Brasil e na Latino-América e Caribe. Realizamos, agora, o 8º Congresso Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, com a participação de todas as entidades, sejam elas filiadas ou não ao CBC, em Porto Alegre, em comemoração aos 10 anos do III Congresso Brasileiro de Cinema, que foi um acontecimento marcante do cinema nacional. O lema deste congresso é "repactuando o cinema brasileiro com os brasileiros", e a sua filosofia mais ampla parte do reconhecimento de que todos os povos têm direito a suas próprias imagens, à reciprocidade e à universalização dessas imagens.